

## **O universo fantástico do desenvolvimento urbano: Franklin Cascaes e as bruxas de concreto**

Ana Paula Henrique

Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC

[anie.hs@gmail.com](mailto:anie.hs@gmail.com)

**Resumo:** A obra de Franklin Cascaes é geralmente associada ao universo fantástico na mentalidade das comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina. No entanto, em seus desenhos e esculturas há uma crítica implícita ao progresso trazido pelos governadores nas décadas de 1960 e 1970. Neste artigo, busca-se analisar e discutir esse aspecto da obra do artista, um culto à tradição que se perdia em detrimento da modernização.

**Palavras-chave:** Cascaes; Modernização; Universo bruxólico; Tradição; Crítica Social

**Abstract:** Franklin Cascaes' opus is usually associated to the fantastic universe in the mentality of the fishing communities of the Island of Santa Catarina. However, there's an implicit critique, in his drawings and sculptures, to the progress brought by governors in the sixties and seventies. This article seeks to analyze and discuss this aspect in the artist's opus, a cult to the tradition that was being lost in detriment of the modernization.

**Keywords:** Cascaes; Modernization; Witchcraft universe; Tradition; Social Critique

## **The fantastic universe of the urban development: Franklin Cascaes and the concrete witches**

“As pessoas contam as estórias meio entruncadas, aos pedaços, meio com medo, receosas, cautelosas e de boca pequena. Têm medo de atrair a bruxa. Imagina falar nela?”<sup>1</sup>

Freqüentemente citado como o pesquisador que mais ajudou na construção de uma identidade açoriana, bem como disseminador do folclore da Ilha de Santa Catarina, Franklin Joaquim Cascaes hoje faz parte da cultura portuguesa colonial que tanto preservou. Descendente de açorianos, Cascaes nasceu no bairro de Itaguaçu<sup>2</sup>, em 16 de outubro de 1908.

---

<sup>1</sup> CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da Cultura Catarinense, 1997.

<sup>2</sup> Em 1908, o bairro pertencia a cidade de São José mas atualmente faz parte da cidade de Florianópolis.



Estimulado pela convivência entre a comunidade pescadora e agricultora durante sua infância e adolescência, desenvolveu grande interesse pelos personagens e lendas que povoavam o imaginário popular no qual estava imerso.

À noite os trabalhadores se reuniam no engenho, era uma casa de engenho muito grande, não me lembro se havia mais de um andar, mas sei que tinha sete janelas na frente. Eu me sentava lá junto com os trabalhadores, eles faziam fogo, arrumavam o trempe de ferro e aí faziam café. Tinha muita fartura porque havia muito cuscuz, biju, aquelas coisas guardadas nas barricas, e eles ficavam ali, tomando café, conversando e contando causos.<sup>3</sup>

Até os 20 anos de idade, Cascaes não teve acesso à educação escolar. Quando finalmente conseguiu incentivo, estudou até se tornar professor da antiga Escola Industrial<sup>4</sup>. Quando foi realizado em Florianópolis, no ano de 1948, o I Congresso de História Catarinense, dentro das comemorações do bicentenário da colonização açoriana no estado, Cascaes já desenvolvia um trabalho sistemático de pesquisa nas comunidades pesqueiras da Ilha de Santa Catarina.<sup>5</sup> O objetivo desse congresso era justamente resgatar e achar meios de valorizar a colonização açoriana no litoral catarinense, bem como enfatizar o relato histórico que coroa os açorianos como primeiros colonizadores, antes dos alemães e italianos. Nessas pesquisas desenvolvidas, o pesquisador conversava, tomava nota, absorvia as lendas e histórias passadas de geração a geração através da cultura oral. Em uma das entrevistas concedidas a Raimundo Caruso, contou: “De acordo com as histórias que eu escutei, que eu vi, é que eu começava a trabalhar a minha arte e as minha histórias”<sup>6</sup>.

Intitulada “Elizabeth Pavan Cascaes”, em homenagem à esposa, colaboradora e grande incentivadora do trabalho de Cascaes, a coleção de sua obra chega ao século XXI pelos cuidados do Museu Universitário Professor Oswaldo Rodrigues Cabral, nas figuras de seu diretor, Gelcy José Coelho, do pesquisador Hermes José Graipel Júnior e das museólogas Teathianni Cristina da Silva e Aline Carmes Krüger. Além das pinturas em nanquim sobre papel e esculturas de barro, o acervo do museu contém as anotações de Cascaes, em forma de diários. O artista é usualmente lembrado por sua abordagem do universo mítico ilhéu: bruxas,

<sup>3</sup> CASCAES, Franklin. Entrevista concedida a Gelcy José Coelho. Apud: SOUZA, Evandro José. *Franklin Cascaes: uma cultura em transe*. Florianópolis: Editora Insular, 2002. p. 29.

<sup>4</sup> Disponível em: <<http://www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/?site=101>>. Último acesso em: 10/04/2007.

<sup>5</sup> LOHN, Reinaldo Lindolfo. A guerra fria de Franklin Cascaes. Disponível em: <[www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st5/st5reinaldo.doc](http://www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st5/st5reinaldo.doc)>. Último acesso em: 25/05/2009.

<sup>6</sup> CARUSO, Raimundo C. *Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis: EdUFSC, 1981. p. 50.



boitatás<sup>7</sup>, lobisomens, feitiços e demônios tomam forma e ganham vida em sua obra, com mais de mil peças catalogadas, diários e folhas avulsas. Entretanto, além de talentoso artista, ele também foi um crítico exímio da sociedade moderna, do homem e sua ganância, dos políticos e suas falsas promessas. Não esporadicamente elaborou textos e poemas que tratavam da depredação do patrimônio histórico em prol do progresso.

De modo geral, as décadas posteriores à Segunda Guerra Mundial, principalmente as de 1960 e 1970, estavam impregnadas por uma atmosfera de medo e admiração pelo poder militar que havia sido demonstrado por potências como Estados Unidos e União Soviética, pelas novidades espaciais promovidas pela Guerra Fria. Em síntese, o mundo observava com receio as novas tecnologias exploradas pelo homem. Também no cenário local, mudanças significativas aconteciam em todo o estado de Santa Catarina. Em 1961, Celso Ramos assume o governo e dado ênfase ao chamado desenvolvimento catarinense:

[...] inaugura toda a estrutura que faltava ao desenvolvimento catarinense: um banco estatal (BESC), uma universidade (UDESC), uma concessionária de energia (CELESC) e um fundo de desenvolvimento (FUNDEC). Elaborou ainda o primeiro orçamento plurianual de um estado brasileiro; foram construídas novas escolas e ginásios, e criadas a ERUSC (Empresa de Eletrificação Rural de Santa Catarina), bem como a secretaria dos Negócios do Oeste<sup>8</sup>.

Outros governadores, como Antônio Carlos Konder (1975-1979) e Jorge Konder Bornhausen (1979-1982), também tiveram como plano de governo a construção e pavimentação de rodovias, como forma de “encurtar distâncias” e facilitar a chegada do progresso.

Pode-se concluir que Cascaes foi profundamente influenciado por esse contexto onde o processo de modernização esbarrava na tradição, colocando esta última em risco. Segundo Evandro André de Souza, em seu livro já citado *Franklin Cascaes: uma cultura em transe* (2002), o professor-artista sempre se mostrou preocupado com as comunidades que inspiraram seus desenhos e esculturas, e, principalmente, com a sua forma de expressar as situações narradas pelos indivíduos com quem mantinha contato. Podem-se distinguir dois aspectos da vida comunitária desses pescadores e agricultores representados nas obras de Franklin Cascaes. O primeiro diz respeito à vida cotidiana dessas pessoas: as brincadeiras das

<sup>7</sup> Boitatá é uma espécie de serpente, com olhos de fogo, já referida por José de Anchieta em 1560, original da cultura indígena e assimilada pelos açorianos.

<sup>8</sup> Disponível em: <[www.sc.gov.com.br/conteudo/santacatarina/paginas/governadores](http://www.sc.gov.com.br/conteudo/santacatarina/paginas/governadores)>. Último acesso em: 10/04/2007.



crianças, os afazeres domésticos, as festas, o trabalho etc., para o qual o artista desenvolve uma solução plástica que beira o ingênuo.<sup>9</sup> Por outro lado, o artista também desenvolve uma forma diferente de representar o universo imaginário multidimensional do mito, com traços mais fortes e vibrantes. É na junção de ambos os tipos de desenho que se define o que se pode chamar, segundo Souza, de “realismo fantástico”<sup>10</sup>, ou seja, um registro que vai muito além das impressões imediatas das comunidades e, até, das próprias pessoas. “O fantástico é uma manifestação das leis naturais, um efeito do contato com a realidade quando esta é percebida diretamente e não filtrada pelo véu do sono intelectual, pelos hábitos, pelo conformismo, pelos preconceitos.”<sup>11</sup> Souza declara ainda que:

[...] as representações fantásticas feitas por Cascaes até meados da década de setenta expressam uma representação do mito totalmente ligada à natureza e aos instrumentos de trabalho. A partir do final da década de sessenta, o mito passa a adquirir feições urbanas, mostrando mudanças substanciais ao nível das formas e inspirações e passa a constituir uma espécie de crítica aos avanços da modernidade em curso na Ilha de Santa Catarina.<sup>12</sup>

As bruxas, antes seres estritamente ligados aos elementos da natureza, passam a carregar elementos novos incorporados pela intensa urbanização da cidade. O que antes era folha de bananeira, instrumentos de trabalho, ondas do mar, vento, conchas, após a década de 1970 passa a ser asfalto, cercas de arame, fios que conduzem a eletricidade. A metamorfose das comunidades pesqueiras, dos costumes, tradições, inclusive das próprias pessoas quando entram em contato com a “modernização” propalada no período, encontra correspondente nas obras de Cascaes.

É fácil constatar essa mudança na composição dos mitos ao se comparar dois desenhos feitos em décadas diferentes. O nanquim sobre papel intitulado *Bruxas Dão Nó na Crina e no Rabo do Cavalo*<sup>13</sup> representa um conto popular recolhido nas comunidades visitadas que diz que as bruxas incomodam os cavalos durante a noite e, no outro dia, eles aparecem nos pastos com os rabos cheios de nó. Um desenho posterior, *A Bruxa Grande*<sup>14</sup>, conforme Hermes Graipel, historiador e museólogo do Museu Universitário:

<sup>9</sup> A representação ingênua, ou primitiva, pode ser entendida como um tipo de representação não erudita, que por vezes deixa transparecer um aprendizado auto-didático por parte do autor e, geralmente, retrata um tema popular.

<sup>10</sup> SOUZA, Evandro José, op cit., p. 61.

<sup>11</sup> BERGIER, Louis Jacques. *O despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

<sup>12</sup> SOUZA, Evandro José, op cit., p. 96.

<sup>13</sup> Obra encontrada no Acervo Franklin Cascaes do Museu Universitário.

<sup>14</sup> Obra encontrada no Acervo Franklin Cascaes do Museu Universitário.



[...] utiliza-se da simbologia da bruxa, que na sua concepção está relacionada com o não compreensível – o novo sobrepondo-se ao antigo. As pernas da bruxa simbolizam os prédios que vão tomando o lugar do casario colonial português – até a preocupação com a ecologia ali está representada. Frente a essa transformação motivada pela especulação imobiliária, o homem cede espaço. Da bolsa da bruxa caem moedas, uma clara conotação ao dinheiro que tudo pode. A igreja destruída segue juntamente com a percepção de Cascaes, de um tempo que traz em seu bojo um horizonte desconhecido e que deve ser temido<sup>15</sup>.

Como pesquisador, o professor Cascaes teve a oportunidade de conhecer o mundo fantástico do folclore trazido de Portugal, que aqui se misturou a antigas lendas indígenas e, em determinadas situações, coincidiu com o mundo real. Em algumas dessas situações, a crítica ao real camuflou-se no universo lendário através de analogias, como no desenho *A Bruxa Grande*, evidenciando a preocupação em preservar o passado. Nesse aspecto, o artista vira um “protestante” em favor de uma causa. As transformações e mudanças que ameaçam o seu espaço, antes pacato e contínuo, o intrigam e o fazem querer registrar o legado que está prestes a se perder. “O sujeito busca então se eternizar na memória dos outros sujeitos, guardando e arquivando testemunhas evocativas das suas obras e realizações.”<sup>16</sup>

A pressa em registrar esse legado, antes disseminado pela cultura oral, foi ditada pelo ruído das máquinas que promovem o avanço econômico da cidade. A fundação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) contribuiu muito para o crescimento populacional de Florianópolis, bem como a implantação da BR-101. A bruxa que antes aparecia nas noites de lua cheia para tomar o sangue dos recém-nascidos não batizados toma, agora, a forma do concreto que pavimenta avenidas, onde antes tinha lugar a flora e a fauna. Em um desenho intitulado *Boitatá do Rio Tavares*, o artista mostra um boitatá contemplando as cercas de arame farpado que começam a aparecer na região da Lagoa dos Jacarés e que, em pouco tempo, destruiriam a beleza do local.

Enquanto ampliava-se o processo de adensamento e verticalização do centro da cidade, observava-se também transformações em outras localidades da Ilha, por exemplo na Costa da Lagoa, uma das comunidades mais isoladas. Essa transformação vai atingir diretamente a população nativa, fazendo com que buscassem novos mercados de trabalho: os homens na construção civil e as mulheres como domésticas, ou ainda no comércio varejista da cidade.

<sup>15</sup> GRAIPEL Jr, Hermes José. Apud: BASTOS, Maria das Dores Almeida (org.). *Atlas do município de Florianópolis*. Prefeitura Municipal. Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Florianópolis: IPUF, 2004.

<sup>16</sup> ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.



Muitos preferem vender suas terras, motivados pela especulação imobiliária, abandonando a atividade da pesca e da agricultura.<sup>17</sup>

Em um conjunto de desenhos que expressam essa crítica à modernidade que aniquila a tradição, vê-se uma espécie de procissão religiosa de abandono feita pelos frutos da pesca e da agricultura não mais valorizados, como a tainha e a mandioca. Os desenhos são datados de 1973 e chamam-se *Saudosa Procissão das Tainhas da Barra da Lagoa da Conceição*<sup>18</sup>, onde aparecem tainhas indo em direção à cidade, representada por prédios e automóveis. Logo abaixo do desenho encontra-se a seguinte frase: “A grande fuga para o asfalto. Morreu a pesca artesanal”. O mesmo ocorre no desenho *Saudosa Procissão da Mandioca*<sup>19</sup>, com os tubérculos abandonando o campo e partindo em direção à cidade, novamente representada por prédios.

Embora seus desenhos e esculturas constituam, talvez, os elementos mais famosos de toda a sua coleção, Cascaes também escrevia poemas e cartas às autoridades expressando seu ponto de vista a respeito do progresso sem freio em detrimento das comunidades e tradições que iam desaparecendo com o tempo. Quando foi demolida a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição, localizada na Praça Getúlio Vargas, o artista escreveu os seguintes versos:

Ilha se Santa Catarina/ Conversa ao meo coração/ É o homem que assim planeja/ Manter tal situação/ De demolir todo dia/ Tua linda tradição/ Eu não consigo entender/ Toda essa demolição/ Que vergasteia-te, ó minha Ilha/ Na tua bela tradição:/ Por espíritos tosqueados/ Desde vesgo mundo cão/ O Homem continua sendo/ A velha cópia de Adão/ Espumando caridade/ Andando com os dois pés no chão/ Pobre, expulso do paraíso/ Por falta à obrigação/ [...] Com herança do passado/ Construimos nosso presente/ Não adiante negativismo/ O problema todos sentem/ Ambos formarão o futuro:/ Ponha em função vossa mente/ Adeus, Capelinha, adeus/ Adeus até a eternidade/ Onde juntos estaremos/ Vivendo a mesma saudade/ Da nossa mui querida Ilha/ Sofrida, sim, de verdade<sup>20</sup>.

É notável a preocupação do artista com o quadro de “desmonte” do patrimônio açoriano, como ele mesmo chama. A pequena Ilha estava sofrendo um “bruxismo”<sup>21</sup>, cuja

<sup>17</sup> GRAIPEL, Hermes. *A fabricação da memória na obra de Franklin Cascaes*. Projeto de pesquisa de doutorado. Apresentado ao professor Dr. Pedro Dias, Catedrático de História da Arte da Universidade de Coimbra. Carta aceitação datada de 2002.

<sup>18</sup> Obra encontrada no Acervo Franklin Cascaes do Museu Universitário.

<sup>19</sup> Obra encontrada no Acervo Franklin Cascaes do Museu Universitário.

<sup>20</sup> CASCAES, Franklin. *Demoliram a Capelinha de Nossa Senhora da Conceição da praça Getúlio Vargas de Florianópolis, Ilha de Santa Catarina*. Acervo Franklin Cascaes do Museu Universitário.

<sup>21</sup> De acordo com a crença popular, o bruxismo ocorre quando uma pessoa, atacada por uma bruxa, começa a apresentar sintomas como febre, manchas pelo corpo, delírios etc. Diz-se, então, que a pessoa foi “embruxada”.



cura não se podia imaginar, pois não fazia parte do universo conhecido pelas pessoas simples descendentes da cultura açoriana. As angustiantes metamorfoses escapavam de seus conhecimentos, e as mudanças provocadas por esse bruxismo iam, aos poucos, fazendo as velhas tradições, bem como o próprio povo, minguar e perder valor diante da “modernização” que assolava Florianópolis. Uma bruxa grande por demais que não fazia distinção entre os que eram batizados e os que não eram.

Cascaes menciona que a Ilha de Santa Catarina está embruxada pelo capitalismo e pelos gananciosos que exploram os pescadores artesanais, pagando preços insignificantes pelo fruto de suas pescarias e oferecendo quantias irrisórias pelas suas propriedades sem que estes tenham a noção real do verdadeiro valor destas. Queixa-se também da política chamando-a de ‘madame política’, uma espécie de força maligna que através dos políticos engana a população simples.<sup>22</sup>

As novas práticas de sobrevivência nada tinham a ver com a pesca artesanal, ou com a confecção das rendas de bilro. Durante essa expansão turística imobiliária na qual a pequena Ilha estava imersa em meados dos anos 60 e 70, os novos costumes e o modo de vida que seduziam os antigos pescadores e a mudança em seu comportamento também eram alvo de críticas:

A educação que o povo recebe agora, é muito diferente da que se obtinha no passado; o homem além de possuir uma responsabilidade espiritual maior do que a de hoje, tinha também condições de incentivo para desenvolver coisas práticas, trabalhos manuais do dia-a-dia. O que infelizmente atualmente não é mais possível de acontecer. Somos meros espectadores à espera de que as fábricas nos enviem aquilo que julgamos estar precisando<sup>23</sup>.

Os novos valores são vistos com insatisfação pelo artista, pois as mudanças não ocorrem apenas no plano socioeconômico. As pessoas são igualmente afetadas e, com elas, as práticas, a mentalidade, a perspectiva, o modo de encarar a vida, enfim, tudo sofre uma metamorfose que leva o antigo a ser reformulado e obrigado a se adequar a uma situação inteiramente desconhecida por ele.

Pode-se salientar que, como folclorista, Franklin Cascaes obteve êxito na tarefa de registrar uma cultura popular que até então era passada oralmente de pai para filho, contando apenas com a memória dos indivíduos para continuar existindo. Como artista não foi diferente, conseguindo representar o nativo ilhéu em sua forma sofrida de viver, pesquisando

---

<sup>22</sup> SOUZA, *op. cit.*, p. 99.

<sup>23</sup> ARAÚJO, Hermetes Reis de. *Cascaes: mito e magia da Ilha de Santa Catarina*. Porto Alegre: Jornal Correio do Povo, 1981. p. 7.



e ministrando elementos do barroco, adaptando-os ao seu ideal de pescador e, cima de tudo, criando técnicas plásticas diferenciadas para cada aspecto da vida dessas comunidades. Obviamente, não poderia deixar de ser influenciado pelo meio e pelo tempo no qual estava inserido, elaborando críticas às mudanças que, do seu ponto de vista, eram nocivas às velhas práticas e costumes açorianos, o que justificava seu empenho em salvar esse legado. Sua obra, pela profundidade e paixão com que estão retratadas, desde a simples tarefa de bater café até o fantástico folclore nativo, representa uma enorme contribuição à memória cultural não só no âmbito local, como também no estadual.

Franklin Cascaes eternizou, através de seus desenhos, poemas e esculturas, toda uma complexa rede de ligações e dependências das comunidades ligadas ao mar, à terra e, principalmente, ao imaginário fantástico que esses elementos naturais podem produzir na mentalidade das pessoas. Sendo assim, classificar seu legado seria uma tarefa árdua e talvez até incompleta, tendo em vista a amplitude incalculável de representações e conotações expressas em seus registros.

#### *Referências Bibliográficas*

ABREU, Regina. *A fabricação do imortal: memória, história e estratégia de consagração no Brasil*. Rio de Janeiro: Rocco, 1996.

ARAÚJO, Hermetes Reis de. *Cascaes: mito e magia da Ilha de Santa Catarina*. Porto Alegre: Jornal Correio do Povo, 1981.

BASTOS, Maria das Dores Almeida (org.). *Atlas do município de Florianópolis*. Prefeitura Municipal. Instituto de Planejamento Urbano de Florianópolis. Florianópolis: IPUF, 2004.

BERGIER, Louis Jacques. *O despertar dos mágicos: introdução ao realismo fantástico*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

CARUSO, Raimundo C. *Franklin Cascaes: vida e arte e a colonização açoriana*. Florianópolis: EdUFSC, 1981.

CASCAES, Franklin. *O fantástico na Ilha de Santa Catarina*. Florianópolis: Editora da Cultura Catarinense, 1997.





GRAIPEL, Hermes. *A fabricação da memória na obra de Franklin Cascaes*. Projeto de pesquisa de doutorado. Apresentado ao professor Dr. Pedro Dias, Catedrático de História da Arte da Universidade de Coimbra. Carta aceitação datada de 2002.

SOUZA, Evandro José. *Franklin Cascaes: uma cultura em transe*. Florianópolis: Editora Insular, 2002.

Fontes Online:

[www.sc.gov.com.br/conteudo/santacatarina/paginas/governadores](http://www.sc.gov.com.br/conteudo/santacatarina/paginas/governadores)

[www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/?site=101](http://www.pmf.sc.gov.br/franklincascaes/?site=101)

[www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st5/st5reinaldo.doc](http://www.cce.udesc.br/cem/simposioudesc/anais/st5/st5reinaldo.doc)

